

— ele habria qe — zotido zo ergo aburgens ter use a
ozon ob notat eos oblitum lychnum in ginchonig
e somnibus van sup usv anu ... yvrd na 9 0909
de lora zo abbat omos . abbasupz luras in arthra
supereun uso que GERHARD ABHELEZS in 20km
gerogastada; desta vezela use abandonou comple-
tamente.

E ouziga como sio equivo adq to clectus desta
cetera etatone — the equivocatos que se podera
pular que ela tem calath, apert collunt a ser
arracada pelo seu destino que no mesmo mundo se
pode se tornar muito triste. Esquise-se por conta pro-
pria ao certo e por conta propria destido o poder que
empujsa o poder os coraões. Como pode conquistar
este poder se confiere no poder esse coraões? Ela
se amou e não cantu, mas o povo calnu, seu de-
sejo, o seu impetoso, sua mans que gicra
em o mesmo orgulloso que, ao contrario das apo-
tracas, se pode dar presentes, jamais tardo-lo,
com mesmo de Josefine, esse povo vai segundo e se
conito.

O de Josefine, porra, ter que li ladra no uso.
Clagat's logo o tempo em que seu ditno avroto
buer e empudace. Ela é um pequeno episcopo na in-
tois erena do nosso povo e o povo vai sempre a
perda. Non duvida não send fca u para deli com a
de possivel se assemblas em total dispozi? Mas
com Josefine que também não erem muca? Que se
elbo realta significativamente mais alto e mais co-
do que a memoria dele o se? Durante a existida
ela foi de mais que uma simples herencia? Mas
sendy eren, que o povo, na sua subordina, abreu no
ata o certo de Josefine porque dese, avro de do
pudoso perier?

Podendo eren, portanto, sua subordina muca
falta sua subordina e a vida de sempre ter

A CONSTRUÇÃO

Instalar a construção e a parte importante.

Por favor é vider epone, um barco, mas na mal-
dade ele não era a parte alguma, depois de prope-
rreçãis, pelo em firme rocha natural. Não quero
de gabar de ter exaltado a liberdade com a en-
gosta, e baraco em muito grupo como de uma das
iniciativas frustradas de construção, no final
do tempo, pareciam ser o mesmo, a mesma, desmor-
na-se, somente existiam arde que de do tempo, a
e a V. e mesmo, eu disse melhor que qualquer
em jornada é tempo de chamar a atenção, a vida do
avroto, para a possibilidade de que aqui existia al-
guma coisa digna de ser investigada. Mas quem por-
que se seu quando eu que edifício tinha construí-
da? Por coarida me descontente. A tal tal passo de
habeo de deis compido localiza, coberto por uma
torada remissiva de fogo, e construiu entrada
de construção, ele está do supra quanto alto no
avroto, pode ser seguro, certamente alguns pode in-
de de a ruína de proter, de para dentro, esse uso
de construção, foi abeto, e quem não entende
pouco que se pode, o entanto, que para de

ОАҚУРТАСНОДА

Instalei a construção e ela parece bem-sucedida.

Por fora é visível apenas um buraco, mas na realidade ele não leva a parte alguma, depois de poucos passos já se bate em firme rocha natural. Não quero me gabar de ter executado deliberadamente essa artimanha, o buraco era muito mais o resto de uma das várias tentativas frustradas de construção, no final porém pareceu-me vantajoso deixá-lo destapado. Evidentemente, existem ardis que de tão finos liquidam a si mesmos, sei disso melhor que ninguém, e sem dúvida é temerário chamar a atenção, através do buraco, para a possibilidade de que aqui exista alguma coisa digna de ser investigada. Mas quem pensa que eu sou covarde ou que edífico minha construção por covardia me desconhece. A uns mil passos de distância desta cavidade localiza-se, coberta por uma camada removível de musgo, a verdadeira entrada da construção, ela está tão segura quanto algo no mundo pode ser seguro, certamente alguém pode pisar no musgo ou empurrá-lo para dentro, nesse caso a construção fica aberta, e quem tiver vontade — é bom que se note, no entanto, que para isso são neces-

sárias certas aptidões pouco usuais — pode invadi-la e destruir tudo para sempre. Estou bem ciente disso, e mesmo agora, no auge da vida, não tenho uma hora de completa tranquilidade, pois naquele ponto escuro do musgo eu sou mortal e nos meus sonhos muitas vezes ali fareja, sem parar, um focinho lúbrico. Pode-se achar que eu devesse realmente ter vedado a entrada, em cima com uma fina camada de terra firme e bem embaixo com solo fofo, de modo que não fosse tão trabalhoso para mim cavar sempre de novo a saída. Mas isso não é possível, justamente a precaução exige que eu tenha a possibilidade de uma saída instantânea, justamente a precaução exige, como o faz com tanta freqüência, o risco da vida. Tudo isso são cálculos bastante laboriosos e a alegria que a mente sagaz tem consigo mesma é algumas vezes o único motivo pelo qual se continua calculando. Preciso ter a possibilidade de uma saída imediata, pois apesar de toda a vigilância, não posso eu ser atacado por um flanco totalmente inesperado? Vivo em paz no mais recôndito da minha casa, e enquanto isso o adversário, vindo de algum lugar, perfura lento e silencioso seu caminho até mim. Não quero dizer que ele tenha um faro melhor que o meu; talvez ele saiba tão pouco de mim quanto eu dele. Mas há salteadores apaixonados, que revolvem a terra às ceugas e que, diante da amplitude da minha construção, alimentam a esperança de, em algum lugar, dar de encontro com uma das minhas trilhas. Naturalmente tenho a vantagem de estar em casa e conhecer com precisão todos os caminhos e todas as direções. O salteador pode facilmente tornar-se minha vítima — uma vítima succulenta. Mas estou envelhecendo, existem muitos que são mais fortes do que eu e meus adversários são incontáveis, poderia acontecer que, fu-

gindo de um inimigo, eu caísse nas garras de outro. Ah, o que não poderia acontecer! Seja como for, preciso ter a garantia de que em alguma parte talvez exista uma saída fácil de alcançar, completamente aberta, onde, para me evadir, já não tenha mais de trabalhar, de tal modo que, enquanto estiver cavando desesperadamente, ainda que seja num aterro leve, eu não sinta de repente — que o céu me proteja! — os dentes do perseguidor nas minhas coxas. E não são apenas os inimigos externos que me ameaçam. Existem também os que vivem dentro do chão. Nunca os vi ainda, mas as lendas falam a seu respeito e eu creio firmemente nelas. São seres do interior da terra e nem a saga consegue descrevê-los. Até quem foi vítima deles mal pôde enxergá-los; eles chegam, ouve-se o arranhar das suas unhas logo embaixo de si na terra, que é seu elemento, e já se está perdido. Aqui não importa que se esteja na própria casa, pois o fato é que se está na casa deles. Também aquela saída não me salva, como provavelmente ela não me salva em caso algum, antes me arruína, entretanto é uma esperança e eu não posso viver sem ela. Além dessa grande via, ligam-me com o mundo externo caminhos bem estreitos e razoavelmente sem perigo, que me proporcionam bom ar fresco para respirar. Eles foram instalados pelos camundongos da floresta. Consegui incorporá-los acertadamente à minha construção. Eles me oferecem a possibilidade de farejar à distância e assim me dão proteção. Através deles também chega a mim toda espécie de criaturinhas que eu devoro, de maneira que disponho de uma certa quantidade de caça pequena, suficiente para um estilo de vida modesto, sem ter de abandonar a minha construção — isso é sem dúvida muito valioso.

Mas a coisa mais bela da minha construção é o

seu silêncio. Certamente ele é enganoso. Pode ser interrompido de repente e então tudo se acabou. Por enquanto, porém, ele ainda continua. Durante horas posso me esgueirar pelos meus corredores, sem ouvir outra coisa senão, algumas vezes, o zunido de algum bicho pequeno, que eu logo sossego entre os meus dentes, ou o escorrer da terra, que me aponta a necessidade de alguma reforma; de resto, tudo quieto. O ar da floresta sopra dentro, está ao mesmo tempo tépido e fresco. Às vezes eu me estiro no chão e rolo no corredor de puro bem-estar. É muito bom, para a velhice que se aproxima, ter uma construção assim e um teto quando o outono começa. A cada cem metros ampliei os corredores em pequenos cômodos redondos, neles posso me enrodilhar confortavelmente, me aquecer de encontro ao próprio corpo e descansar. Lá eu durmo o doce sono da paz, do desejo pacificado, do alvo atingido de possuir uma casa. Não sei se é um hábito dos velhos tempos ou se de fato os perigos desta casa são fortes o suficiente para me despertar: de tempos em tempos, regularmente me assusto e saio do sono profundo e fico escutando, escutando no silêncio que aqui reina inalterado dia e noite, sorriso tranquilizado e mergulho com os membros relaxados num sono mais profundo ainda. Pobres andarilhos sem casa, nas estradas do campo, nas florestas, no melhor dos casos escondidos num monte de folhas ou na matilha dos camaradas, entregues aos estragos do céu e da terra! Estou aqui detido num recinto garantido por todos os lados — há mais de cinqüenta deles na minha construção — e entre o cochilo e o sono inconsciente passam-se as horas, que escolho para esse fim segundo o meu critério.

Pensada para o caso do perigo extremo, não de uma perseguição, mas de um cerco, a praça princi-

pal fica situada não exatamente no centro da construção. Ao passo que todo o resto talvez seja mais uma obra do juízo rigoroso que do corpo, esta praça do castelo é resultado do esforço mais sacrificado de todas as partes do meu físico. Algumas vezes, no exaspero do cansaço corporal, eu quis abandonar tudo, rolei de costas no chão e amaldiçoei a construção, arrastei-me para fora e deixei-a aberta. Podia fazer isso porque não desejava mais voltar para ela, até que horas ou dias depois eu regressava arrependido, quase erigia um canto à incolumidade da construção e com alegria sincera começava a trabalhar de novo. A faina na praça do castelo também se tornou desnecessariamente mais difícil (no sentido de que a construção não se beneficiou em nada com o trabalho inútil), porque logo no lugar onde, segundo os planos, deveria ficar o burgo, a terra era solta e arenosa e teve de ser literalmente socada para formar a grande peça abobadada e redonda. Para essa obra eu dispunha apenas da testa. Com a testa, então, corri de encontro à terra durante dias e noites, milhares de vezes, e fiquei feliz quando o sangue jorrou, pois era uma prova do início da solidificação da parede, e, desse modo, como é preciso me conceder, fiquei me-recendo minha praça.

Nesta praça do castelo reúno minhas provisões, acumulo aqui tudo o que capturo dentro da construção acima das necessidades do momento e tudo o que trago das minhas caçadas fora de casa. Ela é tão grande que as reservas para meio ano não a enchem. Em vista disso posso espalhá-las, andar no meio delas, brincar com elas, alegrar-me com a quantidade e os diferentes odores e ter sempre uma visão exata do que existe. Sou então capaz de empreender novos arranjos e, conforme a estação do ano, fazer as previ-

sões necessárias e os planos de caça. Há épocas em que estou tão bem abastecido que, de indiferença pela comida, nem toco nas coisas miúdas que desitam em volta, o que no entanto talvez seja imprevidente por outros motivos. A constante preocupação com preparativos de defesa determina que meus pontos de vista sobre o emprego da construção para esses fins se alterem ou evoluam, embora dentro de limites estreitos. Parece-me então muitas vezes perigoso basear a defesa inteiramente na praça do castelo, pois a multiplicidade da construção me oferece múltiplas possibilidades e soa mais conforme à prudência distribuir um pouco as provisões e abastecer com elas também certos lugares menores; assim, por exemplo, transformo cada terceiro recinto em local de provisão ou todo quarto lugar em reserva principal e todo segundo em reserva subsidiária e coisas do gênero. Ou para fins de despistamento, descarto vários caminhos da função de acumular víveres; ou escolho, saltado, apenas uns poucos lugares, segundo a posição que ocupam relativamente à saída principal. Qualqueres novos planos exige, entretanto, um trabalho pesado de transporte, tenho de fazer novos cálculos e depois me ponho a arrastar a carga de um lado para outro. Sem dúvida, posso fazer isso com tranquilidade e sem pressa excessiva, e não é tão mau assim carregar as boas coisas na boca, repousar onde quero e beliscar justo aquilo que me apetece. Pior é quando, geralmente ao acordar assustado, me parece às vezes que a atual distribuição é completamente falha, que ela pode provocar grandes perigos e precisa ser corrigida o mais rápido possível, sem consideração por sonolência e cansaço; aí eu me apresso, vôo, não tenho tempo para cálculos; por que quero executar um plano novo e exato, agarro arbitrariamente o

que me vem aos dentes, arrasto, puxo, suspiro, gemo, tropeço, e qualquer mudança do estado presente, que eu julgo superperigoso, me satisfaz. Até que aos poucos, com o despertar pleno, vem a sobriedade e eu mal compreendo a afobação, respiro fundo a paz da minha casa, que eu mesmo perturbei, volto ao meu lugar de dormir, adormeço rápido com o cansaço renovado e, ao abrir os olhos, encontro ao acaso, como prova irrefutável do labor noturno, que então parece quase irreal, um rato pendendo das minhas mandíbulas. Depois há outras vezes épocas em que acho decididamente melhor estocar todas as provisões num único lugar. De que adiantam as reservas nos recintos pequenos, quanto é possível armazená-los? Por mais que seja, atravanca o caminho e talvez me atrapalhe na defesa e na corrida. Além disso é estúpido, mas verdadeiro, que a autoconsciência sofre, quando não vê todas as provisões juntas e não percebe num único olhar aquilo que tem. E não se pode perder muita coisa em tantas distribuições? Não sou capaz de ficar galopando sem cessar pelos meus corredores e encruzilhadas para verificar se está tudo em ordem. A idéia básica de uma distribuição das provisões é sem dúvida correta, mas só quando se dispõe de vários locais do tipo da minha praça do castelo. Várias praças assim? Certamente! Mas quem consegue isso? A esta altura, elas não podem mais ser acrescentadas ao plano geral da construção. Quero conceder, porém, que aí existe uma falha, como de resto sempre há uma falha onde se possui um único exemplar de alguma coisa. E confesso também que, durante toda a construção, perdurou na minha consciência, de uma forma obscura mas bastante nítida — se eu tivesse tido boa vontade — a exigência de várias praças, eu não cedi a ela, sentia-me fraco

demais para o mister gigantesco; sim, eu me sentia fraco demais para me dar conta da necessidade do trabalho, de alguma maneira me consolei com sentimentos não menos obscuros de que aquilo que, em qualquer outro caso, seria insuficiente, no meu, por exceção ou misericórdia, bastava — provavelmente porque a Providência estava particularmente interessada na preservação da minha testa, esse martelo-pilão. Assim, tenho apenas uma praça do castelo, mas os sentimentos sombrios, de que esta não seria suficiente, se desvaneceram. Seja como for, tenho de me contentar com ela, os recintos pequenos não podem de maneira alguma substituí-la, e quando essa visão está amadurecida, recomeço a arrastar tudo de volta, deles para a praça do castelo. Por algum tempo, sinto um certo conforto em ter todos os cômodos e corredores livres, em ver como se acumulam na praça os montes de carne, que exalam até as passagens mais remotas a mescla dos vários odores, cada um dos quais me encanta a seu modo e que eu, à distância, sou capaz de distinguir com nitidez. Costumam então vir épocas especialmente pacíficas, em que transfiro devagar, gradualmente, os meus lugares de dormir dos círculos mais distantes para o meio e mergulho cada vez mais fundo nos odores, a ponto de não agüentar mais — e uma noite me precipito sobre o castelo, abro com vigor espaço entre os vivos e me empanturro até o completo embotamento com as coisas de que mais gosto. Tempos felizes, mas perigosos; quem soubesse aproveitá-los poderia, sem risco, me aniquilar. Aqui também a falta de uma segunda ou terceira praça atua de modo prejudicial, pois é a enorme massa de mantimentos reunidos que me seduz. Procuo proteger-me de várias formas, na verdade a distribuição pelos recintos pequenos é uma

dessas medidas, infelizmente ela leva, como outras semelhantes, a uma avidez ainda maior através da privação, a qual, atropelando o juízo, altera arbitrariamente os planos de defesa para atender às suas necessidades.

Depois desses períodos, tenho o hábito, para me recompor, de passar em revista a construção e, após empreendidas as melhoras necessárias, de abandoná-la algumas vezes, embora sempre por um prazo breve. A pena de me privar dela por muito tempo parece-me então dura demais, mas reconheço a necessidade de excursões temporárias. Sempre há uma certa solenidade quando me aproximo da saída. Nas épocas de vida caseira eu me desvio dela, evito até mesmo trilhar os últimos escaninhos do corredor que conduz a ela; não é fácil vaguar por ali, pois naquele lugar instalei um completo intrincado de corredores; lá teve início a minha construção, eu ainda não podia ter a esperança de concluí-la de acordo com o que estava no meu plano, comecei meio ludicamente naquele cantinho e assim se desencadeou lá a primeira alegria do trabalho numa construção labiríntica, que então me pareceu ser o coroamento de todas as edificações, mas que hoje eu julgo de forma provavelmente mais correta como um jogo de armar mesquinho, pouco digno da construção geral e que teoricamente talvez seja delicioso — aqui está a entrada, para a minha casa, disse eu na época, ironicamente, aos inimigos invisíveis, e vi-os todos sufocarem no labirinto — mas na realidade representa uma brincadeira vulnerável, que mal resistirá a um ataque sério ou a um inimigo que luta desesperadamente pela vida. Devo por isso reconstruir esta parte? Adio a decisão e a coisa na certa vai ficar como é. Sem falar no trabalho que exigiria de mim, ele seria também o

mais perigoso que se pode imaginar. Outrora, quando iniciei a construção, podia trabalhar ali com relativa serenidade, o risco não era muito maior do que em qualquer outra parte, mas hoje significaria chamar quase voluntariamente a atenção do mundo para toda a construção, o que não é mais possível. Isso quase me alegra, já existe uma certa receptividade a esta obra de iniciante. E se acontecesse um grande ataque, que projeto de entrada poderia me salvar? A entrada pode enganar, desviar, torturar o agressor; esta também faz isso em caso de necessidade. Mas um ataque realmente grande eu preciso tentar rebater com todos os recursos do conjunto da construção e todas as forças do corpo e da alma — isso é evidente. Portanto, também essa entrada pode ficar aqui. A construção tem tantas fraquezas impostas pela natureza, que ela pode conservar mais esta, criada pelas minhas mãos, embora só reconhecida posteriormente, mas de modo tão claro. Com tudo isso, decerto não está dito que esse defeito de tempos em tempos, ou talvez sempre, me inquiete. Quando nos meus passeios usuais me desvio desta parte da construção, isso acontece principalmente porque a visão dela me é desagradável, porque nem sempre quero examinar de perto uma falha do edifício, mesmo que ela transtorne demais minha consciência. Que o defeito continue existindo sem erradicação possível lá na entrada, mas que eu seja poupado da sua vista enquanto isso puder ser evitado. Se ando em direção a ela, mesmo separado por corredores e recintos, julgo entrar na atmosfera de um grande perigo, às vezes é como se meu pêlo rareasse, como se eu logo ficasse em carne viva e nesse momento fosse saudado pelo nível dos meus inimigos. Sem dúvida esses sentimentos são provocados pela própria entrada, onde cessa

a proteção da casa, mas é também a construção dela que particularmente me suplicia. Algumas vezes sonho que a reconstruí e modifiquei totalmente, rápido, com forças gigantescas, numa única noite, sem ser notado por ninguém, e que ela agora é indevasável; o sono em que isso acontece é o mais doce de todos; quando desperto, lágrimas de alegria e redenção ainda cintilam na minha barba.

Assim tenho de vencer, também fisicamente, o tormento deste labirinto quando saio, e é ao mesmo tempo exasperante e comovente quando me perco por um momento na minha própria criação e a obra parece se esforçar para provar a mim, cujo julgamento já está consolidado de longa data, o seu direito à existência. Mas então já estou debaixo da cobertura de musgo, que deixo crescer junto com o resto do chão da floresta — pois não me movo de casa por muito tempo — e agora é necessário apenas um empurrão com a cabeça e me vejo no exterior. Não ousei realizar logo esse pequeno movimento; se não tivesse de ultrapassar outra vez o labirinto da entrada, eu hoje, decerto, desistiria disso e voltaria ao ponto de partida. Como? Sua casa está protegida, fechada em si mesma. Você vive em paz, aquecido, bem alimentado, único senhor de um sem-número de corredores e recintos — e é de esperar que deseje não só sacrificar, mas em certa medida abandonar tudo? Na verdade, você tem a confiança de recuperar isso, mas não está se permitindo uma jogada alta demais? Existiriam motivos racionais para tanto? Não, para algo dessa natureza não pode haver motivos racionais. Nesse instante, porém, abro com cautela a porta do alçapão e já estou fora, deixo-a baixar cuidadosamente e corro o mais rápido que posso para longe do lugar traiçoeiro.

Não estou propriamente em campo aberto, na verdade não me comprimo mais pelos corredores, mas disparo pela floresta descampada e sinto em meu corpo forças novas para as quais, de certa maneira, não há espaço na construção, nem mesmo na praça do castelo, ainda que esta fosse dez vezes maior. Também a alimentação fora é melhor, a caça na realidade mais difícil, o êxito mais raro, mas o resultado em todos os sentidos superior — tudo isso não nego e consigo apreender e fruir pelo menos tão bem quanto qualquer outro, provavelmente muito melhor, uma vez que não caço como um vagabundo da estrada por levandade ou desespero, mas com objetivo e calma. Também não estou destinado e entregue à vida livre: sei que meu tempo é medido, que não tenho de caçar interminavelmente aqui, mas que de algum modo, se eu quiser e assim que estiver cansado da vida neste lugar, alguém, a cujo convite não poderei resistir, vai me chamar. E por isso posso degustar por completo este tempo e passá-lo sem preocupações, ou antes: poderia e no entanto não posso. A construção me ocupa muito a cabeça. Saí correndo da entrada, mas logo estou de volta. Proouro um bom esconderijo e vigio a entrada da minha casa — desta vez do lado de fora — durante dias e noites. Pode parecer tolo: isso me dá uma alegria indizível e me tranquiliza. E como se não estivesse diante da minha casa, mas de mim mesmo dormindo e tivesse a felicidade de poder ao mesmo tempo dormir profundamente e me vigiar com brio. De certa maneira, tenho o privilégio de ver os fantasmas da noite não só no desamparo e na confiança bem-aventurada do sono, mas de encontrá-los também na realidade, em plena força da vigília e serena capacidade de julgamento. E descubro que, para mim, as coisas curiosamente não estão tão mal

quanto muitas vezes acreditei e na certa vou acreditar quando descer à minha morada. Nesse sentido — também em outro, mas em particular neste — tais excursões são verdadeiramente indispensáveis. Sem dúvida, por mais cuidado que eu tenha tido na escolha de uma entrada afastada, o trânsito que ali se verifica é muito grande, quando reunidas as observações de uma semana; mas talvez seja assim em todas as regiões habitáveis, e provavelmente é até melhor expor-se a um grande movimento, que se desdobra em consequência da sua própria magnitude, do que estar sujeito, em plena solidão, ao primeiro intruso que aparece. Aqui há muitos inimigos e mais ainda cúmplices dos inimigos, mas eles também lutam uns contra os outros, e ocupados nisso passam correndo ao largo da construção. Em todo este tempo, nunca vi ninguém investigar logo na entrada, para a minha sorte e a dele, pois com certeza teria me atraído às cegas na sua garganta, temendo pela construção. Veio também, é claro, a espécie em cuja proximidade não ousou ficar e da qual eu teria de fugir assim que a pressentisse à distância: sobre o seu comportamento em relação à construção não poderia, na verdade, me pronunciar com segurança, mas para acalmar basta dizer que retornei em breve, não encontrei mais ninguém e a entrada estava lisa. Houve épocas felizes em que quase confiei a mim mesmo que a inimizade do mundo contra mim talvez tivesse cessado ou amainado, ou que a força da construção me punha acima da luta de extermínio travada até então. Quem sabe a construção proteja mais do que jamais pensei ou ousou pensar no seu interior. Chegou ao ponto que tive por vezes o desejo infantil de não voltar mais a ela, de me instalar aqui na vizinhança da entrada, de passar a vida a observá-la e de

manter diante dos olhos — encontrando nisso a minha felicidade — o quanto a construção seria capaz de me oferecer uma sólida segurança, se eu estivesse nela. Ora, existe um sobresalto instantâneo que desperta dos sonhos infantis. Pois que segurança é essa que observo aqui? Posso, depois das experiências que realizo aqui fora, avaliar o perigo que corro dentro da construção? Os meus inimigos têm o faro certo, quando não estou nela? Certamente eles têm algum faro de mim, mas não todo. E muitas vezes não é a situação de faro pleno o pressuposto do perigo normal? São portanto apenas meias tentativas, ou um décimo das que aqui realizo, as que servem para me tranquilizar e através da falsa tranquilização me exporem ao perigo máximo. Não, eu não observo o meu sono como acreditava, antes sou eu quem dorme enquanto o destruidor vigia. Talvez ele esteja entre aqueles que se esgueiram desatentos pela entrada e sempre se certificam, não menos que eu, de que a porta ainda está inviolada e aguarda o seu ataque, e apenas passam por ela — ou porque sabem que o dono não se acha dentro, ou porque talvez tenham conhecimento de que ele espereita inocente na moita ao lado. E deixo meu posto de observação e me saíto da vida ao ar livre, para mim é como se eu não pudesse mais aprender aqui, nem agora nem depois. E tenho vontade de me despedir de tudo, de descer à construção e nunca mais voltar, deixando as coisas tomarem o seu curso e não as detendo através de observações inúteis. Mal acostumado, porém, por ter visto tanto tempo tudo o que se passou acima da entrada, é muito penoso para mim, agora, efetuar o procedimento de uma descida que faz alarde e não saber o que acontecerá em todo o espaço atrás das minhas costas e mais tarde atrás da porta do alçapão

que outra vez se fecha. Primeiro, tento em noites de tempestade atirar rápido para dentro a presa, o que parece dar certo, mas se de fato deu, só se vai saber quando eu mesmo tiver descido, e isso se evidenciará não mais para mim — ou também para mim — tarde demais. Desisto, portanto, e não entro. Escavo, naturalmente a uma distância suficiente da entrada efetiva, uma cova experimental — ela não é mais comprida do que eu — também terminada numa cobertura de musgo. Rastejo para dentro, tampo o foso atrás de mim, espero com cuidado, calculo prazos mais curtos e mais longos em horas diferentes do dia, empurro então o musgo, saio e registro minhas observações. Faço as mais variadas experiências boas e más, mas não encontro uma lei geral ou um método infalível para a descida. Em consequência, ainda não desci pela entrada real e me desespero por ter de fazê-lo em breve. Não estou muito distante da decisão de ir para longe, de retomar a velha vida insólvel que não tinha segurança alguma, que era uma só plenitude indiferenciada de perigos e que por isso não deixava ver e temer tão nitidamente o perigo isolado, como sempre me ensina o confronto entre a minha construção e a vida aqui fora. Sem dúvida, uma decisão como essa seria uma completa tolice, provocada tão-somente pela permanência demasiado longa na liberdade sem sentido; a construção ainda me pertence, tenho de dar apenas um passo e estou garantido. E me livro de todas as dúvidas e corro em linha reta no dia claro em direção à porta, evidentemente para levantá-la, mas não posso, ultrapasso-a e me atiro de propósito num espinheiro para me punir, me punir por uma culpa que não conheço. Depois, entretanto, preciso dizer a mim mesmo que afinal estou certo e que é de fato impossível descer sem abrir mão

francamente, pelo menos por um momento, da coisa mais cara que possuo, em favor de tudo que há em volta — no chão, nas árvores, no ar. E o perigo não é imaginário, mas bastante real. Não precisa ser propriamente um inimigo em quem eu excite a vontade de me seguir, pode muito bem ser algum inocente qualquer, algum serzinho repulsivo que, por curiosidade, vem atrás e assim, sem saber, se torna chefe do mundo contra mim; também não precisa ser isso, talvez seja, o que não é menos ruim — em mais de um sentido é o pior de tudo — talvez seja alguém da minha espécie, um conhecedor e apreciador de construções, algum irmão da floresta, um amante da paz, não obstante um vagabundo brutal que quer morar sem construir. Se ele viesse agora, se descobrisse a entrada com a sua avidez imunda, se começasse a trabalhar lá para erguer o musgo, se conseguisse isso, se se introduzisse no meu lugar e já estivesse tão adiantado que o seu traseiro ainda emergisse um momento para mim, se tudo isso acontecesse, de modo que eu pudesse afinal partir em disparada atrás dele e, livre de qualquer consideração, pudesse saltar sobre ele, mordê-lo, dilacerá-lo, rasgá-lo, beber o seu sangue e atirar o seu cadáver junto às outras presas, sobretudo porém — e isso seria o principal — se eu estivesse finalmente de novo na minha construção, então gostaria até de celebrar o labirinto, mas antes de mais nada, gostaria de puxar sobre mim a cobertura de musgo e descansar, creio eu, pelo resto da minha vida. Mas ninguém chega e eu fico reduzido a mim mesmo. Continuamente às voltas com a dificuldade da coisa, perco muito da minha ansiedade, não evito mais a entrada de forma ostensiva, minha ocupação predileta fica sendo vagar em torno dela, é quase como se eu fosse o inimigo e espionasse a oca-

são conveniente para invadi-la com êxito. Tivesse eu alguém em quem pudesse confiar, a quem pudesse colocar no meu posto de observação, então eu seria capaz de descer assegurado. Combinaria, com aquele em quem confio, que ele observasse exatamente a situação na hora da minha descida, e um longo período depois batesse na cobertura de musgo em caso de sinais de perigo, mas em caso contrário não. Com isso a situação estaria resolvida, não sobrararia resíduo algum — no máximo o meu confidente. Pois se ele não exigir uma contraprestação, não irá pelo menos querer visitar a construção? Já isto — deixar espontaneamente alguém entrar nela — seria penoso ao extremo. Eu a construí para mim e não para visitantes, e acredito que não permitiria sua entrada; mesmo ao preço de que ele tornasse possível que eu descesse à construção, não o deixaria entrar. Não poderia de modo algum admiti-lo ali, pois ou eu teria de fazê-lo descer sozinho — e isso está fora de qualquer coisa imaginável — ou então precisaríamos descer ao mesmo tempo, o que anularia a vantagem, que ele deve me dar, de ficar observando atrás de mim. E a confiança? Será que posso acreditar, naquele em quem confio olho a olho, igualmente quando não o vejo e a cobertura de musgo nos separa? É relativamente fácil confiar em alguém que ao mesmo tempo se vigia ou pelo menos se pode vigiar; talvez seja até possível confiar em alguém à distância, mas do interior da construção, ou seja, a partir de um outro mundo, confiar plenamente em alguém de fora, eu julgo impossível. Essas dúvidas, porém, nem são necessárias, basta a reflexão de que, durante ou depois da minha descida à construção, os incontáveis casos da vida podem impedir a pessoa em quem acredito, de cumprir o seu dever — e que conseqüências im-

previsíveis podem ter para mim seus mínimos impedimentos! Não, tudo resumido não preciso de jeito algum lamentar que estou sozinho e não tenho ninguém em quem possa confiar. Com isso não perco seguramente nenhuma vantagem e é provável que me poupe prejuízos. Confiança só posso ter em mim mesmo e na construção. Deveria ter pensado nisso antes e tomado providências para o caso que agora tanto me ocupa. Pelo menos em parte, isso teria sido possível no início da construção. Eu precisaria ter disposto o primeiro corredor de tal forma que ele tivesse duas entradas separadas por uma distância conveniente, de maneira que eu descesse por uma entrada com a inevitável cerimônia, percorresse rápido a passagem inicial até a segunda entrada, lá abrisse um pouco a cobertura de musgo — que deveria ter sido instalada para corresponder a esse fim — e a partir dali procurasse dar conta da situação durante alguns dias e algumas noites. Somente assim teria sido certo. Na verdade, duas entradas duplicam o perigo, mas essa consideração precisaria ser silenciada, sobretudo porque a entrada que foi pensada apenas como posto de observação poderia ser bem estreita. E com isso me perco em reflexões técnicas, começo de novo a sonhar meu sonho de uma construção absolutamente perfeita, o que me acalma um pouco: de olhos fechados vejo com encanto possibilidades de construção claras e menos claras para entrar e sair sem ser notado.

Enquanto fico deitado e penso nisso, valorizo muito essas alternativas, mas apenas como conquistas técnicas, não como vantagens reais, pois o que quer dizer esse sair-e-entrar sem dificuldades? Ele aponta para o sentido instável, para a auto-avaliação incerta, para apetites sujos, más qualidades que se

tornam muito piores em relação à construção, que ali permanece e é capaz de verter paz quando alguém se abre inteiramente a ela. Certamente estou agora fora dela e busco uma chance de retorno; para isso, os necessários dispositivos técnicos seriam muito desejáveis. Mas talvez não o sejam tanto assim. Na angústia nervosa do momento, não significa subestimar muito a construção, vê-la apenas como uma cavidade, para dentro da qual se quer rastejar com a maior segurança possível? Sem dúvida, ela é também essa cova segura ou deveria sê-lo, e quando imagino que estou no meio de um perigo, com os dentes cerrados e com toda a força da vontade quero que a construção não seja outra coisa senão o buraco destinado a salvar minha vida, e que ela realize essa tarefa claramente definida com a máxima perfeição — e nessa hora estou disposto a dispensá-la de qualquer outra missão. Mas o fato é que na realidade — para a qual não se dá a atenção necessária em situações de grande perigo, embora justamente nos tempos de ameaça seja preciso aguçá-la — a construção oferece, com efeito, muita segurança, mas absolutamente não o suficiente; acaso cessam nela para sempre as preocupações? Elas são outras, mais ativas, mais ricas de conteúdo, o mais das vezes amplamente reprimidas, mas o seu efeito devorador é talvez igual ao das preocupações que a vida lá fora apresenta. Se eu tivesse feito a construção apenas para a segurança da minha vida, na verdade não estaria fraudado, mas a relação entre o trabalho monstruoso e a garantia efetiva, pelo menos até onde sou capaz de senti-la e até onde posso me beneficiar dela, não seria para mim uma relação favorável. É muito doloroso admitir isso, mas é preciso fazê-lo, precisamente diante da entrada, que agora se fecha — literalmente se enri-

jече — contra mim, o construtor e proprietário. Mas a construção não é mesmo apenas um buraco de salvação. Quando estou na praça do castelo, cercado pelas altas provisões de carne, a cara voltada para os dez corredores que dali partem, cada qual rebaixado ou erguido, reto ou arredondado, se ampliando ou se estreitando de acordo com o conjunto e todos igualmente silenciosos e vazios, e prontos cada um à sua maneira a me conduzirem aos vários recintos, também silenciosos e vazios — então a idéia de segurança fica distante, então sei exatamente que aqui está o burgo que conquistei ao chão recalcitante com unhas e dentes, batidas de pé e golpes de cabeça, meu burgo que não pode de modo algum pertencer a qualquer outro e que é tão meu que aqui, afinal, posso calmamente receber do inimigo o ferimento mortal, pois o meu sangue se infiltra neste chão e não se perde. E que outra coisa além disso é o sentido das belas horas que, ora dormindo em paz, ora acordando alegre, costume passar nos corredores — nestes corredores calculados exatamente para mim, para o espreguiçar confortável, o rolar infantil no chão, o deitar sonhando e o despertar bem-aventurado? E os recintos pequenos, cada qual tão familiar, mas que a despeito da inteira semelhança, eu diferencio nitidamente, de olhos fechados, pelo toque das paredes, e que me abraçam pacíficos e calorosos como nenhum ninho acolhe seu pássaro? E tudo, tudo silencioso e vazio.

Mas se é assim, por que então hesito, por que temo o intruso mais que a possibilidade de não rever nunca mais minha construção? Felizmente, a última alternativa é impossível, não seria absolutamente necessário esclarecer, através de ponderações, o que a construção significa para mim: pertencemos um ao

outro de tal modo, que poderia me instalar tranquilamente aqui, sossegado em meio a toda a minha angústia, não precisaria tentar me dominar para — contrariando todos os meus escrúpulos — abrir a entrada; bastaria que eu esperasse passivamente, pois nada nos pode separar por muito tempo, e de alguma forma eu vou acabar descendo. Quanto tempo, porém, correrá até esse instante, e quanta coisa pode ocorrer nesse interregno, tanto aqui em cima como lá embaixo? E, no entanto, só depende de mim encerrar esse lapso e fazer logo o que é preciso.

Então, já incapaz de pensar de tanta fadiga, com a cabeça pendente, pernas inseguras, meio dormindo, mais tateando que andando, me aproximimo da entrada, levanto devagar o musgo, desço lentamente, por distração deixo a entrada aberta muito tempo sem necessidade, lembro-me então do que esqueci, subo outra vez para corrigir a falha, mas por que sair novamente? Tenho apenas de fechar a cobertura de musgo, muito bem, desço outra vez e afinal fecho-a. Só nesse estado, exclusivamente nesse estado, posso executar a tarefa. Fico então deitado debaixo do musgo, banhado de sangue e sucos de carne, em cima da presa que eu trouxe, e poderia começar a dormir o sono almejado. Nada me perturba, ninguém me seguiu, sobre o musgo parece estar calmo, pelo menos até agora, e, mesmo que não estivesse, acredito que não poderia me entreter neste momento com observações; mudei de lugar, do mundo de cima cheguei à minha construção e sinto logo o efeito dela. É um mundo novo, que oferece forças novas, e o que lá em cima é cansaço, aqui não vale como tal. Regressei de uma viagem, absurdamente esgotado da trabalhadeira, mas o reencontro com a velha habitação, a faina da instalação que me espera, a necessidade

de, pelo menos na superfície, vistoriar rápido todos os recintos, sobretudo de avançar o mais depressa possível até a praça do castelo, tudo isso transforma a exaustão em inquietude e zelo, é como se eu tivesse dormido um sono longo e profundo no momento em que entrei na construção. A primeira tarefa é muito custosa e reclama toda a minha atenção: levar a caça pelos corredores estreitos e de paredes frágeis do labirinto. Com todas as minhas forças, faço pressão para a frente, sou bem-sucedido, mas para mim é vago-roso demais; para acelerar, puxo para trás um pedaço dos montes de carne, venço-os por cima, atra-vés deles, agora tenho só uma parte da caça diante de mim, é mais fácil levá-la para a frente, mas estou de tal modo no meio da pletora de carne, aqui nestes corredores esguios, pelos quais nem sempre é fácil passar mesmo sozinho, que eu poderia sufocar nas minhas próprias provisões: às vezes só consigo me defender do seu volume comendo e bebendo. Mas o transporte dá certo, termino-o num tempo não muito longo, o labirinto está transporto, fico arfando num corredor de verdade, arrasto a presa por uma via de ligação para uma entrada principal, prevista especialmente para casos dessa natureza e que desce em declive forte até a praça do castelo. Agora não é mais um trabalho, tudo rola e escorre quase por si mesmo para baixo. Finalmente na minha praça do castelo, finalmente vou poder descansar! Continua tudo inalterado, não parece ter acontecido nenhuma desgraça maior, os pequenos estragos que noto à primeira vista serão logo reparados, antes porém a longa peregrinação pelos corredores, mas isso não é um esforço, é uma conversa com amigos, como nos velhos tempos ou — não sou tão velho; para muita coisa, porém, a memória já se turva por completo — como eu fazia

ou então ouvi que costuma acontecer. Começo pelo segundo corredor, propositalmente devagar depois que vi a praça, tenho um tempo infinito — dentro da construção o tempo, para mim, é sempre infinito —, pois tudo que faço ali é bom e importante e de certo modo me sacia. Começo pelo segundo corredor e interrompo a inspeção na metade e passo ao terceiro corredor e me deixo levar de volta por ele à praça do castelo e, no entanto, tenho de retornar de novo o segundo corredor e assim brinco com o trabalho, aumento-o, rio sozinho, alegro-me e fico completamente zozno com tanta atividade, mas não me desligo dela. Por sua causa, ó corredores e recintos, e sobretudo por suas perguntas, ó praça do castelo, eu vim, não dei nada pela minha vida, depois que, durante tanto tempo, tive a estupidez de tremar por causa dela e retardar o regresso a vocês. Que me importa o perigo, agora que estou com vocês! Vocês me pertencem, eu lhes pertenco, estamos ligados, o que pode nos acontecer? Que a tropa se apinhe lá em cima e estejam preparados os focinhos que irão romper o musgol! E com sua mudez e seu vazio a construção também me saúda e reforça aquilo que digo. Mas então me acomete uma certa modorra e, num recinto que figura entre os meus preferidos, eu me enrodilho um pouco, nem de longe ainda inspecionei tudo, quero entretanto continuar vistoriando até o fim, não desejo dormir, só cedo à sedução de me acomodar como se quisesse dormir, pretendo verificar se aqui isso funciona como antes. Tenho êxito, mas não consigo me libertar, e aqui permaneço em sono profundo.

Dormi longamente. Só sou despertado do último sono, que dissolve a si mesmo; ele já deve ser muito leve, pois um zumbido quase inaudível me acordá.

Compreendo imediatamente o que é: aquelas criaturinhas muito pouco fiscalizadas por mim, e por mim poupadas em excesso, perfuraram em algum lugar, na minha ausência, um novo caminho e este deu de encontro com uma trilha antiga, produzindo o ruído sibilante. Que gente incansavelmente ativa é essa, como é aborrecida sua aplicação ao trabalho! Escutando atentamente nas paredes do corredor, através de escavações experimentais, terei de determinar o local da perturbação e só aí poderei eliminar o ruído. De resto, a nova escavação, se de alguma maneira corresponder às proporções da construção, também pode ser bem-vinda como novo conduto de ar. Mas nas criaturinhas eu quero prestar muito mais atenção do que o fiz até agora, nenhuma delas deve escapar.

Uma vez que tenho bastante treino em investigações desse tipo, isso não vai durar muito tempo, posso começar logo, na verdade existem outros trabalhos por fazer, mas este é o mais urgente de todos, é preciso haver silêncio nos meus corredores. Aliás, esse ruído é relativamente inocente; quando cheguei, não o ouvi de modo algum, embora ele decerto já estivesse presente; tive de me reclamar inteira-mente para escutá-lo, de certa maneira ele só é audível pelo ouvido do dono da casa. E não é nem mesmo contínuo, como costumam ser ruídos assim, ele faz grandes pausas, o que evidentemente se explica pelos congestionamentos da corrente de ar. Início a investigação, mas não consigo encontrar o local onde seria necessário intervir, faço algumas escavações, mas de maneira aleatória; naturalmente, disso não resulta nada: o grande trabalho de cavar e o trabalho ainda maior de tapar e nivelar são inúteis. Não me aproximo em absoluto da sede do ruído, invariavelmente

fino ele soa em intervalos regulares, ora como assobio, ora como apito. Poderia também ignorá-lo provavelmente, na verdade ele perturba muito, mas dificilmente poderia haver alguma dúvida quanto à sua origem, tal como a assumo; portanto, ele não vai se avolumar quase nada, pelo contrário pode também acontecer (até agora, contudo, nunca esperei tanto) que, no correr do tempo, esses ruídos desapareçam por si mesmos com o trabalho continuado dos pequenos perfuradores; sem dizer que, muitas vezes, um acaso conduz fácil à pista do distúrbio, ao passo que a busca sistemática pode malograr por longo prazo. Assim, me consolo e gostaria de continuar vagueando pelos corredores e visitando os lugares, muitos dos quais nem mesmo reví e, nesse ínterim, pinotear um pouco na praça do castelo; mas não consigo, tenho de continuar procurando. Essas criaturinhas me custam muito, muito tempo, que poderia ser melhor empregado. Nessas ocasiões, é geralmente o problema técnico que me atrai, por exemplo: a partir do ruído que meu ouvido tem a aptidão de distinguir em todos os matizes — a tal ponto que ele se torna claramente definível — imagino a sua causa e me ponho a verificar se isso corresponde à realidade. Com fundadas razões, pois enquanto não ocorre a constatação não posso também me sentir seguro, mesmo que fosse apenas o caso de saber para onde vai rolar um grão de areia que cai de uma parede. E nesse sentido, um ruído assim não é de forma alguma uma questão sem importância. Importante ou não, porém, por mais que procure não encontro nada, ou melhor: encontro demais. Justamente no meu lugar predileto isso precisava acontecer — penso comigo mesmo — alasto-me bastante dali, até quase o meio do caminho para o cômodo seguinte, na verdade é tudo uma

piada, como se eu quisesse provar que não foi logo a minha praça preferida que me aprontou esta perturbação, mas sim que há interferências em outras partes; e começo a escutar sorrindo, mas paro logo de sorrir, pois também aqui existe efetivamente um zumbido igual. Não é nada, julgo eu às vezes, ninguém além de mim o ouviria, sem dúvida eu o escuto, agora cada vez mais nítido, com o ouvido aguçado pelo treino, embora na realidade seja o mesmo ruído por toda parte, conforme posso me convencer através da comparação. Ele também não fica mais forte, como reconheço quando presto atenção no meio do corredor, sem auscultar diretamente na parede. Então só com esforço, ou mergulhado na escuta posso, uma vez ou outra, mais adivinhar do que ouvir o sopro de um som. Mas precisamente essa uniformidade em todos os lugares é que mais me incomoda, já que ela não coincide com a minha suposição original. Se eu tivesse acertado no motivo do ruído, ele teria de se irradiar com o máximo volume a partir de um lugar determinado, que seria necessário descobrir, tornando-se depois cada vez menor. Mas se a minha explicação não era exata, qual então seria? Persistia ainda a possibilidade de existirem dois centros de ruído, até agora eu os escutava à distância, se me aproximasse de um deles, os ruídos na verdade aumentariam, mas em decorrência da diminuição dos ruídos do outro, o resultado geral para o ouvido sempre permaneceria aproximadamente o mesmo. Enquanto escutava com rigor, já estava quase acreditando perceber, embora de modo muito vago, diferenças de som que correspondiam à nova hipótese. Em todo caso, tive de ampliar a área de pesquisa muito mais do que até então. Por causa disso, desço o corredor até a praça do castelo e começo a

escutar lá. Estranho, ruído igual também aqui. Bem, ele é produzido pelas escavações de certos animais insignificantes, que utilizaram de forma infame o tempo da minha ausência; seja como for, estão longe de uma intenção dirigida contra mim, ocupam-se apenas com a sua obra e, enquanto não encontram um obstáculo no caminho, mantêm a direção já tomada; tudo isso eu sei, embora seja incompreensível para mim, me excite e confunda o juízo — tão necessário ao trabalho — o fato de que eles tenham ouvido se aproximar da praça do castelo. Nesse sentido, não quero fazer distinções: foi a profundidade considerável em que se acha a praça, foi sua grande extensão e o forte movimento de ar correspondente — capaz de assustar os perfuradores — ou simplesmente a circunstância de terem localizado o castelo por meio de notícias que penetraram seus sentidos embotados? De qualquer maneira, até agora eu não havia observado escavações nas paredes da praça do castelo. Na verdade, vieram para cá animais em multidões, atraídos pelas exalações poderosas, e nesse lugar eu tive minha caça constante: de algum ponto lá em cima, eles cavaram o seu caminho para os corredores e desceram até aqui, oprimidos porém incapazes de resistir à tentação. Agora, entretanto, fazem suas perfurações também nos corredores. Se eu ao menos tivesse concretizado os planos mais importantes da minha juventude e mocidade, ou antes, tivesse tido a força para executá-los, pois vontade não faltava! Um desses projetos prediletos era isolar a praça do castelo da terra circundante, isto é, deixar suas paredes numa espessura equivalente a mais ou menos minha estatura e, além disso, criar um espaço vazio na extensão do muro em volta, até um pequeno alicerce infelizmente não destacável da terra. Nesse

espaço vazio sempre imaginei, não sem razão, a mais bela morada que podia existir para mim. Pender sobre a curva da parede, puxar o corpo para cima, deslizar para baixo, dar uma cambalhota e sentir outra vez o chão sob os pés, realizar todos esses jogos literalmente em cima da praça do castelo e, no entanto, fora do espaço do seu corpo; poder evitá-la, poder deixar os olhos descansarem dela, adiar para outra hora a alegria de vê-la e, apesar disso, não ter de se abster dela, mas segurá-la firme nas garras, algo impossível quando se tem apenas uma entrada com um aberta até ela; sobretudo, porém, poder vigiá-la, ficar recompensado da privação da sua vista, de tal modo que, quando se tivesse de escolher entre a permanência na praça do castelo ou no espaço vazio, se escolhesse este para toda a vida, ali circulando sempre, de cima para baixo — protegendo-a. Não haveria, então, ruídos nas paredes, perturbações insolentes até a praça: lá a paz estaria assegurada e eu seria sua sentinela, não teria de ficar escutando com repulsa as escavações das criaturinhas, mas sim ouvindo deliciado aquilo que agora me foge completamente: o sussurro do silêncio na praça do castelo.

Mas toda essa beleza não existe e eu preciso ir ao trabalho, quase contente com o fato de que ele está em conexão direta com a praça do castelo, pois isso me anima. Naturalmente, como se evidência cada vez mais, necessita de todas as minhas forças para essa tarefa que, a princípio, parecia totalmente insignificante. Ausculto agora as paredes da praça e, onde quer que ouça, no alto e embaixo, nas paredes ou no chão, nas entradas ou no interior, por toda parte o mesmo ruído. E quanto tempo, quanta tensão exige essa escuta prolongada do rumor e suas pausas! Se se quiser, pode-se encontrar um pequeno

consolo, que serve à ilusão, na circunstância de que, aqui na praça do castelo, diferentemente do que acontece nos corredores, por causa do tamanho desta, não se ouve nada quando se afasta o ouvido do solo. Só para repousar e refletir, faço freqüentemente essa experiência, escuto com atenção e fico feliz por não ouvir nada. Mas, de resto, o que aconteceu? Diante desse fenômeno, minhas primeiras explicações fracassam inteiramente. Tenho porém de rejeitar outras, que também se apresentam a mim. Seria possível pensar que aquilo que ouço são as próprias criaturinhas trabalhando. Isso, contudo, contrariaria todas as experiências: aquilo que nunca ouvi, embora sempre tivesse existido, eu não posso de repente começar a ouvir. Talvez minha sensibilidade às perturbações tenha se tornado maior com os anos, mas a audição de jeito algum ficou mais aguçada. Com efeito, a essência das criaturinhas consiste no fato de que não é possível ouvi-las. Eu as teria tolerado, se fosse de outro modo? Mesmo correndo o perigo de morrer de fome, eu as exterminaria. Talvez porém — essa idéia também se insinua em mim — se trate, no caso, de um animal que ainda não conheço. Seria possível. Na verdade, observo desde há muito tempo, e com bastante cuidado, a vida cá embaixo, mas o mundo é múltiplo e nunca faltam as surpresas desagradáveis. Contudo, se não fosse um único animal, teria de ser um grande magote, que de repente caiu na minha área — uma chusma de pequenos bichos, que na verdade estão acima das criaturinhas, uma vez que são audíveis, mas que as ultrapassam apenas um pouco, visto que, tomado em si mesmo, o barulho do seu trabalho é reduzido. Seriam, portanto, animais desconhecidos, um bando que migra, que pura e simplesmente passa, que me perturba, mas

cuja marcha logo termina. Sendo assim, eu poderia esperar e, afinal de contas, não precisaria fazer um trabalho supérfluo. Mas se são animais desconhecidos, por que não consigo vê-los? Já fiz muitas escavações para agarrar um deles, porém não encontro nenhum. Ocorre-me que talvez sejam seres minúsculos, muito menores do que aqueles que eu conheço, e que somente o ruído que fazem é maior. Por causa disso, investigo a terra escavada, atiro ao ar os torrões, para que eles se desfaçam nas menores partículas; os provocadores de barulho, entretanto, não estão ali. Aos poucos, percebo que não obtenho nada com essas pequenas escavações ao acaso, apenas revolvo as paredes da minha construção, raspo com pressa aqui e ali, não tenho tempo de tapar os buracos, em muitos lugares já existem montes de terra que obstruem o caminho e a vista. Evidentemente, tudo isso só me atrapalha em segundo plano; agora não posso nem vaguear, nem fazer revista, nem descansar; várias vezes adormeci no trabalho, por um tempinho, em algum buraco, uma pata cravada na terra em cima, da qual queria no último meio-sono arrancar um pedaço. Agora vou mudar de método. Abrirei um grande, autêntico fosso na direção do ruído e não paro de cavar antes de descobrir, independentemente de qualquer teoria, a causa real do ruído. Vou então eliminá-lo, se isso estiver ao alcance da minha força, mas se não, terei pelo menos certeza. Ela me trará sossego ou desespero: seja este ou aquele, será indubitável e legítimo. A decisão me faz bem. Tudo que fiz até agora me parece apressado demais; na excitação da volta, quando ainda não estava livre das tribulações do mundo lá de cima, nem plenamente recolhido à paz da construção, supensível por ter precisado me abster dela durante tanto

tempo, deixei-me levar à completa confusão por um fenômeno reconhecidamente estranho. O que é ele? Um leve zumbido, audível apenas em longas pausas, um nada ao qual não quero dizer que se pudesse acostumar; não, não se poderia acostumar com isso, mas seria possível observá-lo por um certo tempo, sem empreender de imediato alguma coisa contra ele, ou seja, a cada par de horas, ouvir de vez em quando e registrar o resultado com paciência; portanto, não como eu fiz, deslizar o ouvido ao longo das paredes e toda vez que o ruído é escutado, rasgar a terra — na realidade, não para descobrir alguma coisa, mas para fazer algo que corresponda ao desassossego interior. Agora isso vai mudar, espero. De olhos fechados, porém, furioso comigo mesmo, tenho de admitir que não espero nada, pois tremo de inquietude, exatamente como há algumas horas, e se o juízo não me impedisse, eu provavelmente começaria a escavar em algum lugar, não importa se para ouvir ou não — estúpido, obstinado, só pelo gosto de cavar, quase como as criaturinhas que furam o solo sem sentido algum, ou então porque comem terra. O plano novo e racional me atrai e não me atrai. Não há nada a objetar contra ele, pelo menos eu não tenho objeção nenhuma; até onde vejo as coisas, ele tem de levar ao objetivo. E, apesar disso, no fundo eu não acredito nele, creio nele tão pouco, que não tenho nem mesmo os possíveis sustos do seu resultado — até num resultado assustador eu não creio. Com efeito, parece que desde a primeira aparição do ruído estive cogitando num fosso conseqüente como esse, e só não o iniciei até agora, porque não tenho confiança para tanto. A despeito disso, naturalmente, vou dar início a ele, não me resta nenhuma outra possibilidade, mas não começarei logo, vou adiar um

pouco o trabalho. Se o bom senso voltar ao lugar, pode acontecer que eu não me precipite nessa tarefa. Seja como for, quero antes reparar os estragos que causei à construção com as minhas perfurações; não custará pouco tempo, mas é necessário; se o novo fosso levar realmente a um objetivo, ele provavelmente será longo, e se não conduzir a alvo nenhum, será interminável; de qualquer maneira, esse trabalho representa um distanciamiento maior da construção, mas não tão mau quanto aquele no mundo de cima; posso interromper o serviço quando quiser e passar em casa, e mesmo que não faça isso, o ar da praça do castelo soprará até mim e me envolverá enquanto trabalho; não obstante, significa um afastamento da construção e a entrega a um destino incerto, por isso quero deixá-la bem em ordem; não deve constar que eu, que luto pelo sossego, o perturbei eu mesmo e não o restabeleci logo. Começo, então, a remover a terra de volta aos buracos, serviço que conheço bem, que vezes sem conta realizei, sem a consciência de estar fazendo um trabalho, e que sou capaz de levar a cabo de modo insuperável, especialmente no que diz respeito à última pressão e acabamentoo — o que decerto não é um mero auto-elogio, mas simplesmente a verdade. Mas desta vez será difícil para mim, estou muito distraído, no meio do trabalho constantemente comprimo o ouvido na parede, escuto e deixo, indiferente, a terra que a meus pés mal foi levantada, rolar de novo pelo declive. Quase não posso executar as últimas obras de embelezamento que exigem uma atenção maior. Ficam sobrando protuberâncias feias, rachaduras incômodas, sem dizer que, no geral, o aprumo antigo de uma parede tão remendada não quer se recompor. Tento me consolar com o fato de que é apenas um serviço

provisório. Quando eu voltar e a paz estiver restaurada, vou corrigir tudo definitivamente, num instante se fará tudo. Sim, nos contos de fadas tudo acontece instantaneamente e esse consolo também faz parte dos contos de fadas. Seria melhor realizar já o trabalho perfeito, muito mais proveitoso que interrompê-lo sempre, pôr-se a vaguear pelos corredores e identificar novos pontos de ruído, o que na verdade é muito fácil, pois não exige nada mais que ficar parado num posto qualquer e escutar. E faço outras descobertas inúteis. Às vezes me parece que o ruído cessou, de fato ele faz longas pausas, não se repara mais no zumbido, o próprio sangue pulsa demais no ouvido, depois se juntam duas pausas numa só e por um momento se crê que o zumbido terminou de vez. Continua-se sem escutar, dá-se um pulo, a vida toda sofre uma reviravolta, é como se a fonte da qual flui o silêncio da construção se abrisse. Evita-se testar logo a descoberta, procura-se antes alguém a quem se possa confiá-la de boa fé, por isso galopa-se até a praça do castelo, recorda-se — uma vez que se desportou para a nova vida com tudo aquilo que se é — que já há muito tempo não se come nada, arranca-se alguma coisa das provisões meio escondidas sob a terra e ainda se engole um pedaço enquanto se regressa ao local da incrível descoberta; só de passagem, só superficialmente, é que se deseja, enquanto se come, convencer-se outra vez da coisa, escuta-se, mas a escuta passageira mostra logo que se errou vergonhosamente: à distância, o zumbido prossegue inabalável. Cospa-se a comida, a vontade é de bater com os pés no chão, volta-se ao trabalho, não se sabe para qual; em alguma parte, onde parece ser necessário — e há bastantes lugares assim — começa-se a fazer mecanicamente alguma coisa, como se o inspe-

tor tivesse chegado e fosse preciso representar uma comédia para ele. Mas, mal se trabalhou um instante desse jeito, pode acontecer que se faça uma nova descoberta. O ruído dá a impressão de ter ficado mais forte, naturalmente não demais, trata-se sempre das diferenças mais sutis, mas sem dúvida um pouco mais forte e nitidamente apreensível pelo ouvido. E este avolumar-se é semelhante a um aproximar-se; mais distinto que o próprio aumento do volume, vê-se literalmente o passo com o qual se chega mais perto. Salta-se para trás diante da parede, tenta-se abarcar com o olhar todas as possibilidades que essa descoberta trará consigo. Tem-se o sentimento de que, na verdade, nunca se instalou a construção para a defesa contra um ataque; a intenção existiu, mas, contrariamente a qualquer experiência de vida, o perigo de um ataque e, conseqüentemente, os dispositivos de defesa, pareciam remotos — ou então (como seria isso possível?) não propriamente remotos, mas situados num plano inferior em relação às instalações para uma vida pacífica, às quais, por esse motivo, se deu preferência em toda parte. Muita coisa nessa direção poderia ter sido providenciada sem atrapalhar o plano básico, tudo isso foi posto de lado de uma maneira incompreensível. Em todos esses anos tive muita sorte, a sorte me estragou, estive intranquilo, mas a intranquilidade dentro da sorte não leva a nada.

O que teria de ser feito agora, na verdade, seria vistoriar a construção em detalhe no que concerne à defesa e todas as suas possibilidades imagináveis; elaborar um plano de defesa e de construção correspondente e, logo em seguida, iniciar o trabalho, lido como um jovem. Esta seria a tarefa necessária — para a qual, diga-se de passagem, evidentemente é tarde demais; esta a labuta indispensável e não,

de modo algum, a escavação de um grande fosso experimental, que de fato só teria por objetivo me transferir indefeso, com todas as minhas energias, para a procura do perigo, no tolo temor de que este não chegará logo por si mesmo. Subitamente não entendo meu antigo plano. Não encontro, no que antes era razoável, o mínimo juízo, outra vez deixo o trabalho e abandono também a escuta, não quero agora descobrir novos aumentos de volume, estou saturado de descobertas, ponho tudo de lado, já estaria satisfeito se apaziguasse o conflito interior. Novamente me deixo levar pelos meus corredores, chego àqueles mais longínquos, ainda não vistos por mim desde a minha volta e ainda completamente intocados pelas minhas patas — e cujo silêncio desperta à minha chegada e mergulha sobre mim. Não me entrego, acelero o passo, não sei o que procuro, provavelmente só um adiantamento. Erro pelo caminho até atingir o labirinto da entrada, atraí-me ouvir junto à cobertura de musgo; coisas distantes prendem o meu interesse — distantes para o momento. Subo até em cima e fico escutando. Silêncio profundo; como é belo aqui, ninguém se preocupa com a minha construção, todos têm seus interesses, nenhum deles está relacionado comigo, como é que cheguei a isso? Na cobertura de musgo talvez seja o único lugar da minha construção onde posso agora ficar escutando sem registrar nada. Completa inversão da situação: o que até então era um local de ameaça, na construção, se tornou lugar de paz, ao passo que a praça do castelo foi arrastada para o barulho do mundo e dos seus perigos. Pior ainda, também aqui, na realidade, não existe paz, nada aqui mudou: silencioso ou agitado, o perigo espregueita, como antes, em cima do musgo, mas eu fiquei insensível em relação a ele, fui solici-

tado demais pelo zumbido nas paredes. Solicitado? Ele se torna mais forte, chega mais perto, eu serpen-teio pelo labirinto e acampo aqui no alto, embaixo do musgo; é quase como se abandonasse a casa ao zumbidor, satisfeito por ter um pouco de sossego neste lugar. Ao zumbidor? Porventura tenho uma nova opinião definida sobre a causa do ruído? Mas este não deriva dos sulcos que as criaturinhas cavam? Não é esta a minha posição? Parece que ainda não me apartei dela. E se o ruído não deriva diretamente dos sulcos, então ele o faz, de algum modo, indiretamente. Caso não tenha a menor relação com eles, nada pode ser assumido de antemão e é preciso esperar até que talvez se descubra a causa, ou ela mesma se manifeste. Certamente seria possível, ainda agora, lidar com hipóteses; por exemplo, dizer que, em algum ponto distante, houve uma invasão de água e que aquilo que me parece zumbido ou assobio seria, na verdade, um murmúrio. Abstraindo-se, porém, o fato de que não tenho nenhuma experiência nesse sentido — desviei logo a água subterrânea que encontro e ela não voltou a este solo arenoso — abstraindo-se disso, é um zumbido e não pode ser tomado por um murmúrio. Mas de que servem todas as exortações à calma? A imaginação não quer se deter e efetivamente eu insisto em acreditar — inútil negar isso a mim mesmo — que o zumbido vem de um animal, na verdade não de muitos e pequenos, mas de um único e grande. Muita coisa depõe contra a afirmação de que o ruído possa ser ouvido em toda parte, sempre no mesmo volume e, além disso, regularmente dia e noite. Decerto seria necessário, primeiro, inclinar-se a admitir muitos animais pequenos; uma vez, porém, que eu deveria tê-los descoberto nas minhas escavações e não encontrei nada, só resta a hi-

pótese da existência do animal grande, sobretudo porque as coisas que parecem contradizer esta suposição são as que tornam o bicho, não impossível, mas sim perigoso além do concebível. Só por isso me defendi contra essa hipótese. Ponho de lado o auto-engano. Já há muito tempo lido com a idéia de que ele é ouvido a grandes distâncias, porque trabalha furiosamente e cava o chão tão célere como alguém que passaria ao ar livre; a terra treme com a escavação mesmo quando esta já terminou; o tremor que perdura e o ruído do próprio trabalho unem-se na distância e eu, que só percebo a última vaga do barulho, ouço-o igual por toda parte. Contribui para tanto o fato de que o animal não está vindo na minha direção, por esse motivo o ruído não se altera, mais que isso, existe um plano cujo sentido me escapa, considero apenas que o bicho me cerca — não quero afirmar com isso que ele saiba de mim — e que já deve ter traçado alguns círculos em torno da minha construção desde que o observei. O tipo de barulho, o zumbido ou assobio, me dá muito o que pensar. Quando eu arranho e raspo a terra a meu modo, ouve-se coisa muito diferente. Só posso explicar o zumbido pelo fato de que a principal ferramenta do animal não são as garras, mas o focinho ou a tromba, que além da sua força descomunal, de alguma maneira também são afiados. Provavelmente ele enfia, com um único e poderoso golpe, a tromba na terra e arranca um grande pedaço, nessa hora não ouço nada — é a pausa — mas depois aspira o ar outra vez para uma nova investida. A inspiração de ar, que deve provocar um estrondo de estremecer a terra, não só por causa do vigor do animal, mas também da sua pressa e do seu zelo no ofício, é o ruído que eu depois ouço como leve zumbido. Continua, contudo, totalmente incompre-

ensível para mim sua capacidade de trabalhar sem descanso: talvez as pequenas pausas contenham a possibilidade de um repouso mínimo, mas ao que parece, ainda não se chegou ao ponto de uma folga realmente longa: ele escava dia e noite, sempre com a mesma energia e frescor; tendo diante dos olhos o plano a ser executado o mais depressa possível, ele possui todas as aptidões para concretizá-lo. Um adversário como esse eu não podia esperar. Deixando de lado, porém, suas peculiaridades, ocorre agora algo que, na verdade, eu deveria sempre ter receado, algo contra o que eu deveria sempre ter tomado precauções: *alguém está se aproximando!* Como é que, durante tanto tempo, tudo correu calmo e feliz? Quem guiou os caminhos dos inimigos, para que eles seguissem um amplo arco de desvio da minha prioridade? Por que fui tanto tempo protegido, para agora ficar tão assustado? O que eram, diante deste, os pequenos perigos sobre os quais passei o tempo pensando? Será que eu esperava, como proprietário da construção, ter supremacia sobre todo aquele que se aproximava? Justamente por ser possuidor desta grande obra suscetível é que eu permaneci inerte contra qualquer ataque mais sério. A felicidade da posse me estragou, a vulnerabilidade da construção me tornou vulnerável, os ferimentos dela me doeram como se fossem meus. Eu precisaria ter antecipado isso e, ao invés de ficar cogitando da minha própria defesa — como o fiz superficialmente e sem resultado —, deveria ter pensado na defesa da construção. Sobretudo, deveria ter tomado providências para que setores dela — o maior número possível —, quando atacados por alguém, fossem isolados, por entulhos obteníveis no prazo de tempo mais curto, das regiões menos ameaçadas — isolados, na verdade, por mas-

sas de terra tais, e com tamanha eficácia, que o agressor nem mesmo suspeitasse de que, atrás delas, estava a construção propriamente dita. Mais ainda, esses aluviões deveriam ser capazes não só de protegê-la, mas também de soterrar o atacante. Não fiz o menor movimento na direção de algo assim; nada, absolutamente nada, aconteceu nesse sentido, fui levado como uma criança, consumi os anos da minha mocidade com jogos pueris, até mesmo com as idéias de perigo eu só brinquei: perdi a oportunidade de refletir realmente sobre perigos reais. E advertências é que não faltaram.

Obviamente não ocorreu nada que se igualasse à situação presente; no entanto, houve algo parecido no início da construção. A principal diferença é que eram os primeiros tempos da obra... Na época eu ainda trabalhava, literalmente como pequeno aprendiz, no primeiro corredor, o labirinto estava projetado apenas nas suas grandes linhas, eu já havia escavado uma pequena praça, mas fracassara tanto na extensão quanto no tratamento das paredes; em suma, tudo estava de tal forma no princípio, que aquilo só podia valer como tentativa — como algo que, se a paciência acabasse, poderia ser abandonado, de repente e sem muito pesar. Sucedeu então que, numa pausa do trabalho — na minha vida sempre fiz pausas demais —, eu estava deitado entre os meus montes de terra e subitamente ouvi um ruído à distância. Jovem como era, fiquei mais curioso do que amedrontado com aquilo. Larguei o serviço e me pus a escutar — seja como for, eu escutava e não ia correndo para baixo da cobertura de musgo, a fim de lá esticar o corpo sem ter de prestar atenção. No mínimo ficava ouvindo. Podia discernir bastante bem que se tratava de alguma escavação semelhante à mi-

nha, ela tinha um som um pouco mais fraco, mas eu não era capaz de saber quanto, no caso, devia ser atribuído à distância. Embora ansioso, no geral permaneci frio e calmo. Talvez eu esteja em alguma construção alheia e o dono agora cave o seu caminho até mim, pensei comigo mesmo. Se a correção dessa hipótese se tivesse patenteado, eu teria ido embora, para construir em outra parte, uma vez que nunca fui dado à conquista nem afeito ao ataque. Sem dúvida, porém, eu era moço e ainda não tinha uma construção, podia então ser frio e calmo. Também o curso posterior da coisa não me trouxe nenhuma apreensão especial; só interpretá-la é que não era fácil. Se aquele que estava cavando; realmente se dirigia a mim porque tinha me ouvido cavar; se tomava outro rumo — como efetivamente aconteceu — então não era possível determinar se ele tinha feito isso porque eu o havia deixado, com a minha pausa, sem nenhum ponto de referência no seu caminho, ou se ele mesmo mudara de plano. Mas talvez eu tivesse me enganado e, na verdade, ele nunca se orientara contra mim; de qualquer forma, o ruído aumentou ainda por algum tempo, parecendo que se aproximava; jovem como eu era, talvez não estivesse em absoluto descontente com a idéia de ver o bicho escavar emergir de repente da terra; mas não aconteceu nada semelhante, a partir de determinado ponto o fragor da perfuração começou a enfraquecer, ficou cada vez menor, como se o animal se desviasse gradativamente da direção original, e de súbito desapareceu, como se ele tivesse decidido ir por uma direção totalmente oposta e marchado em linha reta para longe de mim. Ainda fiquei escutando longamente no silêncio, antes de começar a trabalhar de novo. Essa advertência foi clara demais, mas eu a esqueci

logo e ela quase não teve influência sobre os meus projetos de construção.

Minha maturidade vai daquele dia ao dia de hoje; no entanto, não é como se nesse intervalo não tivesse existido nada? Ainda faço uma longa pausa no trabalho e fico escutando na parede: o bicho mudou de intenção há pouco, deu meia-volta, está regressando da viagem, acredita que me concedeu tempo suficiente para que eu nesse ínterim me preparasse para recebê-lo. Do meu lado, porém, tudo está menos preparado que antes, a grande construção está aí indefesa, não sou mais um pequeno aprendiz, mas um velho mestre-de-obras, e todas as forças malogram, quando chega a hora da decisão; por mais velho que eu seja, entretanto, parece que gostaria de ser mais velho ainda do que sou — tão velho que não pudesse mais me levantar do meu lugar de descanso embaixo do musgo. Pois na realidade não agüento mais ficar aqui, ergo-me e disparo para dentro de casa, como se neste local eu tivesse encontrado novas inquietações ao invés de sossego. Como estavam as coisas aqui, ultimamente? O zumbido tinha enfraquecido? Não, tornara-se mais forte. Escuto em dez pontos escolhidos ao acaso e percebo nitidamente o engano: o zumbido continua o mesmo, nada se alterou. Lá embaixo da cobertura de musgo não acontecem modificações, lá se está sossegado e acima do tempo, mas aqui cada instante que passa sacode quem ouve. E faço outra vez o comprido caminho de volta à praça do castelo, tudo em roda parece agitado, tudo parece olhar para mim, depois desviar o olhar para não me incomodar, esforçando-se mais uma vez para ler nas expressões da minha cara as decisões salvadoras. Balanço a cabeça, não disponho de nenhuma solução. Também não vou à praça do

castelo para lá executar algum projeto. Passo pelo lugar onde quis instalar um fosso experimental, examinoo de novo, teria sido um ponto perfeito, o túnel teria ido na direção em que se encontra a maior parte dos pequenos condutores de ar, capazes de aliviar muito o meu trabalho, talvez eu não precisasse cavar muito longe até a origem do ruído, talvez tivesse bastado a escuta nos condutores. Mas nenhuma ponderação é suficientemente forte para me estimular à tarefa de escavar. Será que este fosso vai me trazer certeza? Cheguei a um ponto em que não quero absolutamente ter certeza. Na praça do castelo escolho um belo pedaço de carne vermelha sem pele e me escondo com ele debaixo de um dos montes de terra; de qualquer maneira, ali há silêncio, na medida em que ainda existe silêncio neste lugar. Lambo e mordo a carne, penso alternadamente, ora no animal estranho, que ao longe percorre o seu caminho, ora no fato de que deveria fruir o mais profusamente possível os meus viveres, enquanto ainda tenho a possibilidade de fazê-lo. Este é provavelmente o único plano realizável que possuo. De resto, procuro decifrar os desígnios do animal. Ele está migrando ou trabalhando na própria construção? Se estiver no curso de uma migração, então será possível um entendimento com ele. Se rompe caminho na minha direção, dou-lhe um pouco das minhas provisões e ele segue viagem. Muito bem, é o que ele faz. Naturalmente, no meu monte de terra posso sonhar tudo, inclusive com um acordo, embora eu saiba perfeitamente que algo assim não acontece e que, no momento em que avisarmos um ao outro, mais: no momento em que nos apresentarmos um perto do outro, nenhum deles antes, nenhum depois, com uma fome nova e diferente, mesmo que estejamos completamente saciados, mos-

traremos, sem sentir, nossas garras e nossos dentes um para o outro. E como sempre, também aqui com inteira justiça; pois quem não mudaria seus projetos de viagem e de futuro à vista da construção, ainda que estivesse migrando? Talvez, porém, o animal cave na sua própria construção, nesse caso não posso nem sonhar com um entendimento. Mesmo que ele fosse um bicho tão peculiar que sua construção suportasse uma vizinhança, a minha não suportaria — pelo menos não uma que seja audível. Sem dúvida, o animal parece muito distante, se recusasse um pouco mais o fragor também desapareceria, talvez então tudo pudesse ficar bom como nos velhos tempos: seria uma experiência má, mas benéfica, e me animaria às mais variadas reformas; quando tenho calma e o perigo não me pressiona de modo imediato, ainda sou capaz de muito trabalho considerável; talvez o animal renuncie — em vista das gigantes possibilidades que, a julgar por sua energia, parece ter — à ampliação de sua construção no sentido da minha e compense isso de um outro lado. Evidentemente, uma coisa dessas não se alcança através de negociações, mas tão-somente pelo próprio siso do animal ou pela coação que fosse exercida por mim. Em ambos os sentidos, será decisivo se — e o que — o animal sabe a meu respeito. Quanto mais medito sobre isso, tanto mais improvável me parece que ele tenha alguma vez me ouvido; é possível, apesar de inimaginável, que disponha de algumas informações sobre mim, mas de resto ele nunca me escutou. Enquanto eu não tinha conhecimento dele, ele não seria capaz de me ouvir, pois o meu comportamento então era silencioso: não há nada mais quieto do que o reencontro com a construção; depois, quando fiz as escavações experimentais, ele

poderia ter-me escutado, embora minha maneira de cavar produza pouco rumor; se ele, porém, me ouviu, eu deveria ter notado alguma coisa — o animal precisaria, pelo menos enquanto trabalhava, parar de vez em quando e prestar atenção. Mas tudo continuou inalterado.

Nota sobre os textos e a tradução

Modesto Carone

As narrativas reunidas neste livro pertencem à última fase da produção literária de Franz Kafka, mais exatamente ao período que vai do início de 1922 até metade de 1924. Segundo uma cronologia atual das peças curtas do escritor, Primeira Dor (Erstes Leid) é de janeiro-fevereiro de 1922, Uma Mulherzinha (Eine kleine Frau) de outubro-novembro de 1923, Um Artista da Fome (Ein Hungerkünstler) de fevereiro de 1922, Josefina, a Cantora ou O Povo dos Camundongos (Josephine, die Sängerin oder das Volk der Mäuse) de março de 1924 e A Construção (Der Bau) de novembro-dezembro de 1923.*

Os quatro primeiros textos integram, na ordem em que foram mencionados, a coletânea de contos organizada pelo próprio Kafka — ao contrário do que aconteceu com a maior parte da obra — sob o

(*) Cf. Harmut Binder, *Kafka — Kommentar zu Sämtlichen Erzählungen*, Winkler, Munique, 2ª ed., 1977.